Ensaios Filológicos

UM MANUSCRITO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI E O PROBLEMA GUANCHE

CAP. X DO QUE SE DIZ DAS LINGOAGENS DE TODAS ESTAS ILHAS CANÁRIAS

Já disse q. tinhão os moradores destas Ilhas de Canária sua lingoagem barbara, cada Ilha a sua com que se entendião. Dizem que fazendo guerra os Romanos aos de Carthago, e uencendoos nella, cortando as lingoas a muitos, os poserão em nauios no mar os quaes saindo pello estreito de Gibraltar, forão ter ás Canárias, q. naquelle tempo estauão desertas, e destes Carthagenienses se povorão, e como não tinham lingoas inteiras com que falassem, seus filhos e descendentes inuentarão cada huns na Ilha, q. hábitauão noua lingoage: e por isso cada huma destas Ilhas tinha a sua differente das outras, e em huma mesma Ilhia se achauão também differentes lingoagens em diuersas partes delia, onde em diuersos lugares desembarcarão com as lingoas cortadas. Também se diz nestas Ilhas canárias, e ha esta presumpção que algum Rey daquella parte de Berberia a elas mais chegada uezinha com algum noio que teria dalguns seus vassal *(sic)*, ou pouos seus súbditos por castigo de alguma rebellião, ou delicio, lhe mandaria cortar parte das lingoas, com que os aluoroços e amotinações se fazem, e os deitaria fora de sua terra em embarcações donde uierão ter ás Canárias a pouoar aquellas sete Ilhas desertas, e em cada huma dellas inuentarão os sem lingoas, ou os seus descendentes nouas lingoagens. Também pode ser

que sem trazerem estes canários as lingoas cortadas, cortou o discurso do tempo (que tudo muda) e mudou a primeira lingoagem, que elles de principio falauão em differentes, e diuersas, como agora tem, por se elles diuidirem huns dos outros em diuersas Ilhas, e em uarios lugares de cada huma delas, e assi uariarão as lingoages pello muito numero dos annos corromper a primeira lingoa antiga, que todos traziam juntamente, e parece isto ser assi pella razão que deu hum André Miz homem nobre e honrado filho de Antão Miz da casta dos Monizes desta Ilha de sam Miguel, morador que foi no lugar de Rabo de peixe, termo da villa da Ribeira grande desta mesma Ilha, o qual passando a Ilha de Tenarife, huma das sete Ilhas Canárias, e haueudo la residido muitos annos tendo particular amisade com hum homem honrado Canário, natural de Oram Canária, que se chamaua Antão delgado, espantandosse de não terem memória os naturaes daquellas Ilhas, donde procederão, e perguntando-lhe se tinha disso alguma noticia, lhe respondeo Antão delgado sorrindosse, que donde podiam proceder, senão dessa Berberia, que estaua alli tam perto, e André rniz lhe replicou q não podia isso ser, porque, se forão dahi tiuéram a lei e seita dos mouros, e a mesma lingoa, a que Antão delgado respondeo, dizendo, parece que naquelle tempo em que os moradores destas Ilhas Canárias vieram aqui ter da terra de África, não hauia ainda a seita de Mafamede, que agora tem os Mouros: por q eu entendo três lingoas, conuem a saber, a de Canária, e a de Tenarife, e a de Gomeira, e todas uão quasi parecendo a lingoagem dos mouros. E disse mais Antão delgado, que bem parecia isto ser assi, pois os canários toda a maneira tinhão dos Mouros, *e* parece que ainda que mudarão a lingoagem, que trazião de principio não mudaram alguns costumes de sua terra, que cõ os olhos uirão, e lá antre si costumauão. E ainda que os canários tinhão uariedade, suas lingoages quasi todas tem hum modo da dos mouros.

Mas com todas estas razões sobre dictas nada disto affirmo para que se aja de ter por certo, porque os outros affirmão, que estas Ilhas de Canária tem muy antigo principio, e forão ia em tempo de Traiano aquelle insigne e notauel emperador de Roma descubertas, e achadas por seu grande saber, e industria, e pouoadas por seu mandado. Dizem, que era este Emperador Traiano gram philosopho, astrólogo, e mathematico, e que foi natural de Calis de Hespanha. O qual gouernando o império, & mandando fazer gente de guerra

para ajuntar grande exercito contra seus imigos, lhe foi dicto que hauia certa nasção de gente bellicosa, e usada nas armas perto de seu império, ou poruentura seus súbditos, os quaes por serem montanhezes, peleiauam a pé tam esforçadamente, que hauidos em seu exercito, se podia auer com elles gram uictoria, mas que arreceauão usassem os taes de sua má inclinação, e costume, que era serem muito mudáveis e faciles de tornar atraz, como dizem que fazem alguns Tudescos, indosse para quem mais soldo lhes dá, ainda que seia a tempo, que os exércitos estam a ponto de se romper, pello que se hauião causado ia muy notaueis danos em outros encõtros semelhantes; e exércitos de alguns seus antecessores. Sabido isto por Traiano, e que sempre ficarão sem castigo, ordenou hum meo por onde não podesscm executar sua malícia, nem causar algum dano sua mudança, ou cobiça mandando a seus capitaens que a todos matassem, reseruando uiuos somente os uelhos, molheres, e moços, e os que não podessem tomar armas, & cortadas as lingoas lhos trouxessem. Trazidos deante delle os mâdou leuar em nauios, dando regimento, que entrados no mar Oceano nauegassem não muito longe da costa de África direito ao Sudueste, *e* que a certos grãos achariam as sete Ilhas bem afortunadas, e nellas deitassem aquella gente sem lingoas, repartindo em cada ilha certo numero delles, onde os deixassem pellos extinguir, e apartar de seu máo nasci- mento, e para que os que. delles sucedessem, não soubessem dar conta de seu principio. O que paresse ser assi, porq.[e] em todas estas sete Ilhas, os de huma não entendiam a lingoagem das outras, ainda que nos costumes erão, e são semelhantes, porque todos são rnuy ualentes, e animosos, destros, e ligeiros em todolos exercícios de guerra, correm, saltão, lutão e tirão funda, e lança mais q outra nação, sam affabiles, alegres, e amigos de banquetes, mas não dados a uinho. As molheres são pella maior parte limpas, polidas, louçãas e de rara formosura, pello qual muitos dos conquistadores, ou quasi todos se casaram nestas Ilhas, e não tornarão a Hespanha solteiros. Agora ia tem perdido estes islenhos a constellação, ou inclinação de rnudaueis, e sam firmes na amisade, que promettem, e na religião christãa, e deuotos de Nossa snora, são dados a criação de gado, e não buscando curiosidade de casas morão nas cauernas da terra, e couas, e furnas das rochas, ainda que na policia, e traios do uestido são ia agora quasi todos tam custosos elles, e ellas como os mais polidos castelhanos, de Hespanha.

O *Cap. X. do que se diz das lingoagens de todas estas Ilhas Canárias* que. ora damos à publicidade, é extraído das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, obra dos fins do século xvi, em parte ainda inédita, que compreende seis livros nos quais se desenrola a história dos arquipélagos das Canárias, Cabo Verde, Madeira e Açores.

No dizer do principal biógrafo de Frutuoso, .o P.e António Cordeiro (1641-1722), autor da *História Insulana* de escasso mérito e que não passa dum decalque pouco conscienciosо do grande trabalho do autor do século dezasseis, as *Saudades da Terra* eram vulgarmente conhecidas pela designação de *Descobrimento das Ilhas.*

A largos traços, com os limitados elementos que nos restam, faremos a biografia deste ignorado autor do período áureo da nossa literatura que, não obstante ser parcialmente conhecido desde 1873, devido aos esforços do benemérito editor da parte relativa ao arquipélago madeirense, Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, não logrou, apesar do alto valor histórico do seu trabalho è ainda mesmo do seu incontestável valor literário, o acolhimento oficial dos historiadores da nossa literatura *(1)*.

O que sabemos da sua vida —e bem pouco é devemo-lo ao jesuíta, António Cordeiro, como já dissemos. Nem sempre são exactos alguns dos dados cronológicos que nos fornece. Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana,* limitou-se a reproduzir o que o autor da *História Insulana* diz no Capítulo *2.°,* do livroII da sua obra, acrescentando-lhe uma

(') O Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo nem o cita na sua *História da Literatura Clássica.* É possível que tenha sitio o "despotismo das datas,, para empregar uma expressão deste autor, o que obstou a que o incluísse na sua *História* que cronologicamente não ultrapassa o ano de 1580, ao passo que as *Saudades da Terra* foram compostas em 1590.

O Sr. Dr. Mendes dos Remédios na sua *História da Literatura Portuquesa,* citando apenas das *Saudades da Terra,* a *Hjstória Genealógica de Sam Miguel,* que foi publicada em 1876 por Francisco Maria Supico e José Pedro Cardoso e que compreende 36 capítulos do liv. iv do M.S., mostra desconhecer a parte mais importante até hoje publicada; a *História das ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas* e *Selvagens,* publicada por Álvaro Rodrigues de Azevedo em 1873, alem dos excertos relativos aos Açores publicados na revista *Arquivo dos Açores.*

resenha bibliográfica de todos quantos a Frutuoso se referiam (1).

Nasceu em 1522, em Ponta Delgada, de família nobre e rica, proprietária de grandes terrenos na ilha de S. Miguel. Como desde tenra idade revelasse decidida propensão para o estudo, foi na altura conveniente, estudar preparatórios na Universidade de Salamanca onde se afirmou como estudante muito distinto, e onde, segundo Barbosa Machado tomou o grao de Mestre em Artes. Concluídos estes estudos preliminares na célebre Universidade peninsular, regressou a S. Miguel onde tomou ordens sacras, pois certamente foi durante a sua estada em Salamanca, que se definiu a sua vocação religiosa e mística, que o levou a enveredar pela senda do sacerdócio. Voltou, a Salamanca, matriculando-se em Teologia, tendo tomado o grao de Bacharel a 9 de fevereiro de 1558.

É indubitável em face da documentação publicada no *Arquivo dos Açores (2)* que nesse mesmo ano da sua formatura nas letras sacras, foi paroquiar a igreja matriz da vila da Lagoa onde se conservou até 1560, facto que Cordeiro e Barbosa Machado passam em julgado, errando, no que respeita à cronologia, quando afirmam que a fama das suas virtudes e talentos, a quando da sua formatura em Teologia, havendo transposto fronteiras e chegando ao conhecimento do então. Bispo de Miranda, D. Julião de Alua, este com grande empenho, porfiara e alfim conseguira que o P.e Frutuoso se passasse a Bragança onde até 1554 ou 1556 (3) se conservou auxiliando o referido Bispo no cumprimento do seus deveres pastorais. A ser certo e verda-

(1) "Fazem ilustre memória do seu: nome Joan. Soar. de Brit., *Theatr. Lusit. Litter.*, lít., G. n. 21. Cardoso, *AgíoL Luzit.*, Advért do Tom. 1., § 14. pág. *53*, Fr. Luiz dos Anjos, Jard. de Port., p. 539, n. 179. Cordeiro, ***Hist.*** Insulam., liv. 2, cap. 2. Mello, Vid. da V. Marg, de Chav., p. 343. D. Antonio Caet. de Souz., Cat. dos Bisp. de Angra e no Agiolog. Lusit., Tom. 4, p. 647 Marangoni, Thezaur. Paroch., Tom. 2., pag. 244,,.

Biblioteca Lusitana — vol. 2.°, pag. 352. Referindo-se ás Saudades da Terra, informa que "na livraria do Conde de Vimeiro se conserva huma Copia, que foy do insigne antiquário Manoel Severim de Faria, Chantre da Cathedral de Évora, o qual persuadido a João Franco Barreto como affirma na Bib. Portug., M. S., reduzisse esta obra a milhor forma e estilo,,.

(2) Vol. 1.º , pág. 403 e seg.

(3) Os carreadores de materiais da nossa História, são por via de regra, muito pouco escrupulosos no concernente a datas. Assim Barbosa Machado diz que o sucessor de D. Julião de Alua no bispado de Miranda

deiro o facto em si, da estada de Gaspar Frutuoso em Bragança, deve ter ocorrido depois de 1560 e antes de 1566, data da elevação de D. Julião de Alua à dignidade de capelão-mór por D. Sebastião, pois até 16 de Março de 1560 (1) se conservou em S. Miguel na vila da Lagoa e a 15 de Agosto de 1565 (2), tomou posse do lugar de Vigário da igreja de N. Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande. Dentro destas duas datas, 1560 e 1565 é que devemos pôr a hipótese do seu doutoramento em Teologia na Universidade de Salamanca, Coimbra ou Évora (3) e da sua chamada a Bragança onde não quiz continuar a desfrutar os pingues rendimentos dos seus benefícios (4) sob o episcopado de D. António Pinheiro, o sucessor de D. Julião de Alua, preferindo voltar para a sua Ilha, tendo, na passagem por Lisboa, recusado a mitra de Angra e o governo provisório deste bispado.

Pastoreando a igreja da vila da Ribeira Grande se conservou até 1591, ano em que faleceu (5), tendo deixado memória de invulgar zelo religioso, perfeita caridade cristã e humildade e modéstia notáveis que comprovou exuberantemente, não aceitando os elevados cargos eclesiásticos

foi D. António Pinheiro e cita a data de 1566 em que D. Julião deixou a diocese. Outras fontes dão D. António Pinheiro como bispo de Miranda já em 15ó4.

(1) Documentos publicados In, *Arq. dos Açores,* vol. 1º.

(2) Ibidem, ob. cit., vol. 1.°.

(3) Parece incontestável que Frutuoso se doutorou em Teologia, pois no *Alvará de acrescentamento da côngrua do Dr. Fructuoso* datado de 1585 em que lhe são acrescentados de 5.000 anuais os 10.000 e 4 moios de trigo que auferia é designado por *Doctor Fructuoso.* Não há, porém, a mínima alusão nos registos das Universidades de Salamanca e de Coimbra e na da Évora muito menos, pois só em 1608 é que começam a fazer-se tais registos —*Arquivo dos Açores.*

(4) Ultrapassavam mil cruzados de renda anual, segundo o Padre Cordeiro.

(5)Barbosa Machado transcreve um de três epigramas que em sua honra compôs o Jesuíta Manoel Gonsalves.

Doctori Gaspari Fructuoso instar arboris vitae talem fructum habentis.

Arbor vitalis vitalibus undique ramis
Cum sis; vitalis non nisi fructis eris.
Et si viuus eras fuerant dum corpore vires
Nunc magis illustri nomine viuus eris.
Nam licet occidat corpus rnors, gesta manebat
Cum tua non possint inclyta facta mori.

com que o queriam honrar. O P.e António Cordeiro, no estilo alambicado e pueril da maioria dos nossos autores do século xvii, descreve-nos com minúcias excessivas e quási sempre ridículas, as excelências do carácter público e privado do *Historiador das Ilhas,* juntando grande número de factos extraordinários de aspecto miraculoso, que lhe atribui, ótimos materiais para a psicologia duma época da história da Humanidade em que sob o influxo de acções variadas e muito complexas a consciência humana delirou. Insiste na nota mística, fazendo ressaltar entre as virtudes mais dignas de menção a castidade, no que é seguido por Barbosa Machado:— "Á humildade ajuntou, desde o primeiro uso da rasão, a devoção da Virgem Mãi de Deos, de quem a Virgem Senhora Nossa lhe alcançou tal pureza virginal em toda a vida, que com correr, e mancebo, tantas terras, não só nunca perdeo a virginal pureza, mas á guarda d'ella se excitavão todos os que olhavào para elle, e elle a conservou com a continua estudiosidade, sem á ociosidade dar alguma hora, lugar e muito em especial com rigorosa penitencia, e paciência invencível, porque por sua morte lhe acharão cílicios de diversas castas, e ásperas disciplinas,,.

Foi nos ócios dos seus labores sacerdotais que reuniu os materiais das *Saudades da Terra e das Saudades do Céo,* que ficaram incompletas, contendo apenas 4 capítulos, obra esta, que Ernesto do Canto súpõe anterior àquela.

O manuscrito destas obras, bem como mais de 400 volumes impressos, foi, por sua morte, para o colégio da Companhia de Jesus de Ponta Delgada.

À data da expulsão dos Jesuítas, em 1760, reza a tradição que o governador de S. Miguel se apoderara do manuscrito e, segundo informação de Ernesto do Canto de quem nos socorremos nestas rápidas notas bibliográficas, na sua *Biblioteca Açoriana,* vasto repositório de informações sobre o arquipélago Açoriano, o códice famoso adquirido em 1840 pelo Visconde da Praia a José Velho Quintanilha, seu proprietário nessa data, conserva-se hoje em poder da família Praia e Monforte. Este *é* o arquétipo sobre o qual se tiraram várias cópias na generalidade parciais como as que existem actualmente nas Bibliotecas Nacionais de Lisboa e do Rio de Janeiro.

Duma cópia feita nos princípios do século xix e levada dos Açores por André da Ponte Quental para a Madeira, quando foi contrair casamento com uma dama da nobreza

madeirense, fez-se um novo apógrafo sobre o qual Azevedo elaborou a sua edição da *História do arquipélago madeirense,* que Ernesto do Canto cotejando com o original achou não ser tão exacta quanto seria para desejar.

O manuscrito de que nos servimos para este nosso breve estudo, acha-se arquivado na Biblioteca do Palácio da Ajuda onde, como é sabido, entre outras preciosidades está também o códice "vetusto e venerando,, em que balbuciam os primeiros acordes do idealismo amoroso e ingénuo da alma portuguesa medieva e que o alto espirito do D. Carolina Michaêlis foi arrancar à poeira.dourada dos tempos idos, para nos dar num monumento de arte, de beleza radiosa, de erudição prodigiosa e profunda um dos aspectos flagrantes e sentidamente humanos da psique portuguesa medieval que é a de todos os tempos — o amor.

A lição da Ajuda não é citada nem no Dicionário Bibliográfico de Inocêncio nem na *Biblioteca. Açoriana,* não estando mesmo registada nesta Biblioteca para onde foi juntamente com os livros e manuscritos da Congregação do Oratório cuja pertença era ([1]). O seu mais remoto proprietário foi o arcediago da Sé de Lamego e reitor da Universidade, Martim Gonçalves da Câmara, irmão do famige-

(1) Na última folha do códice, em letra já amarelecida pelo tempo, mas cronologicamente posterior à do texto deparámos com estas preciosas indicações que nos orientaram cabalmente quanto à história do precioso trabalho:

—"Qualquer liv.° pode encadernar estes escritos do D.tor Gaspar Fructuoso q. são 38 cadernos.

Franc.º Pereira.

Este livro he da casa de São Roque da Comp.ª desta cidade de Lisboa, assy como os mais que ficarão do Snr. Martin Gliz da Camara (q. Os tem) cujo elle era, por quem todos devem a esta casa.

Fr.° Pereira.

Depois por dividas e trocas q. ouve se deu este livro a Jorge, filho de Martim, governador da Ilha. E ele o deu a D.º Lopes de Souza Conde de Miranda, Governador do P.º o o qual deu ao II.mo e R.mo sor D. Rodrigo da Cunha sendo inda então Bispo do Porto.

O D.tor J o ao da Costa Corrêa,,.

Numa nota a lápis que presumimos ser do actual Director da Biblioteca, o SR. Dr. Jordão de Freitas há esta indicação:

— "Jorge da Camara era sobrinho e não filho de Martim G.ˢ da Camara".

rado Jesuíta, Luiz Gonçalves da Câmara, preceptor de D. Sebastião a quem cabe máxima parte na responsabilidade moral do desastre de Alcácer-Quibir e por sua morte foi legado ao colégio de S. Roque da Companhia de Jesus de Lisboa, que por acordo mútuo o restituiu a Jorge da Câmara, poeta satírico do século XVII, por antonomásia o *Marcial português* e que era próximo parente de Martitn. Por sua vez ofereceu-o ao 2º conde cie Miranda, D. Diogo Lopes de Sousa que, nomeado em l616 governador da Relação do Porto, nesta cidade se conservou até 1638, tendo-lhe sido anteriormente confiado o cargo de governador das armas da capital do Norte. Este fidalgo, que iniciara a sua carreira nos exércitos de Flandres, era mais dado às armas que às letras e por isso houve por bem com o precioso manuscrito presentear o ilustre D. Rodrigo da Cunha, o bispo patriota que tão notável papel desempenhou na gloriosa revolução redentora de 1640. D. Rodrigo era bispo do Porto desde 14 de Abril de 1619, tendo passado para a arquidiocese de Braga em 1627, pela transferência para Lisboa, de D. Afonso Furtado de Mendonça, segundo Bonifácio Gama — *Series Episcoporum Ecclesiae Catholicae*, e na opinião corroborante de D. António Caetano de Sousa, *História, Genealógica da Casa Real* (Liv.XIII, pág. 816 e sgg.). No alto da primeira página *ao* Ms. lá figura a rubrica do célebre príncipe da igreja - *R. B.po do Porto.* Desde que foi possuído por D. Rodrigo da Cunha até ir parar ao Convento das Necessidades, à Biblioteca dos Oratorianos falecem-nos os documentos para lhe fazermos a sua história. Constitui um grosso volume de 431 folhas, encadernado em pergaminho e com um índice de todos os capítulos, não parecendo, pela variedade de caligrafias que se vão sucedendo, ser obra dum mesmo e único copista.

O texto sobre as Canárias vai desde o cap. ix até o xx, de folhas 20 a 55 verso do Ms. Sendo uma das características espirituais do seu autor, o misticismo, faceta essa, posta bem em evidência nas páginas untuosas consagradas por António Cordeiro à vida de Gaspar Frutuoso, o livro traduz, deixa trair a fisionomia moral de quem o compoz. O fundo de scena ante a qual perpassa a narração que constitui o objecto propriamente histórico da obra — a História dos quatro arquipélagos é uma alegoria preambular em 8 capítulos em que concorrem a *Mafa* — a Fama e a *Dederva* — a Verdade, que se lamenta estando solitária em uma serra da ilha de S. Mi-

guel; através a obra, lá de onde a onde aparecem estas personagens simbólicas, que, à semelhança da Fatalidade na tragédia antiga, conduzem quási invisivelmente a acção até o seu lógico final. São curiosas as palavras por que abre o capitulo 3.° do livro II da *História Insulana;* transcrevemo-las, porque dão bem a nota da superficialidade do conceito e da ausência de penetração crítica do seu soporífero autor, qualidades estas que se substituem por místicas considerações pueris acerca do sentido íntimo e profundo da alegoria cuja verdadeira interpretação não escapou à aguda penetração de Rodrigues de Azevedo, como adiante veremos.

"Com muita razão, e não sem algum mysterio, começou seu livro o Venerável Doutor Gaspar Fructuoso, por queixas da verdade a quem costuma a fama muitas vezes encontrar, porque he tal a verdade d'este sábio Doutor, que se por ella começa ninguém pôde encontrar o que elle afirma., .„.

Azevedo no prefácio da sua edição da parte relativa à Madeira, escrito com primores de vernácula lingoagem portugueza, salienta o facto da obra ter sido composta posteriormente a 1580 em território açoriano, onde se refugiaram os últimos abencerragens em cujo coração pulsava nunca desmentido amor pátrio, quando já estávamos incorporados na artificial unidade ibérica, sob as garras do leão hispânico e, chamando a atenção para o expressivo título *Saudades da Terra,* em que se oculta o acendrado patriotismo do autor e para alguns passos do texto em que "transluzem a intenção e a dor patrióticas da sua penna,, acrescenta com justeza:—"Os oito primeiros capítulos do livro I são a allegoria desta crise do espirito de *Fructuoso;* não só explicam esse titulo, mas também o pensamento e o sentimento do auctor: e, se lhe não justificam.a timidez, ennobrecern-lha. Os primores de ideias, de affectos, de imagens e de phrase condensam-se nesses oito capítulos tão harmonicamente, que os elevam á categoria de obra rival da *Menina e Moça,* de *Bernardino Ribeiro,* e sobejam a firmar o renome de *Gaspar Fructuoso* como escriptor, não só vernáculo, mas pensador e poeta,,. Nesta crítica subtil e judiciosa, estamos plenamente de acordo com o ilustre editor de Frutuoso mas já não o podemos acompanhar no juizo severíssimo e injustificado com que antes critica *grosso modo* as *Saudades da Terra* como obra histórica e literária. E certo que põe em relevo que as *Saudades* insuflam vida e relevo às personagens, às acções e aos lugares, mas apontando os defeitos diz com

excessivo rigor crítico: "No estylo são desiguaes, a poncto de que, na parte respectiva ao archipelago da Madeira, presumimo-las obra de outra penna, que não a de *Fructuoso.*

A dicção, por vexes expressiva e ingénua, é, em regra, irregular e diffusa. Na forma, são desordenadas, quer olhemos á chronologia dos factos, quer á ligação e deducção delles. No objecto, são ricas de anecdotas, mas deficientes como historia. E no juizo, mormente dos factos e pessoas contemporâneas ao auctor, descambam, por medo, em declamações superficiaes e lisongeiras,,.

Para formularmos o nosso juizo pessoal sobre o valor literário, reportamo-nos essencialmente ao texto publicado por Álvaro Rodrigues de Azevedo e aos Capítulos relativos às Canárias por nós examinados no remanso claustral da Ajuda.

A diferença de estilo que Azevedo nota entre a alegoria e a narração histórica e que o leva a emitir a cerebrina hipótese da História da Macieira ser doutro autor, provêm muito logicamente da diferença visceral dos assuntos tratados. De tintas suaves, melancólicas, com uma ponta de saudade ligeiramente esbatida quando as duas entidades abstractas — a Verdade e a Fama dialogam em conversação vaporosa e rendilhada, o estilo da narrativa histórica polariza-se na expressão chã, humilde, de crónica medieva, a que não falta a cor local, mas mantem-se uno no deserolar de toda a obra; a falta da vista de conjunto é que levou Azevedo a formular, se bem que, muito *currente calamo,* uma.hipótese pouco defensável. Mesmo na parte propriamente histórica em que sempre se observa a simplicidade da descrição, avultam alguns trechos como o Capítulo XLV — *Da Entrada dos Cossarias na Cidade do Funchal, segundo a informação dos moradores da Banda do Norte* e o capítulo anterior que versa o mesmo tema, notáveis pelo realismo algo vigoroso do descritivo, pelo poder de vivificação que com a maior naturalidade o autor instila aos homens e às cousas. Ainda hoje se lerão com agrado, justamente, porque pela simplicidade e vida das narrações em nada se parecem com a prosa torturada, arrevezada e esotérica dos autores do décimo sexto século que moldaram a sua dicção directamente no latim clássico, quanto ao aspecto formal, antes lembrando os cronistas, que precederam os grandes historiadores da idade de ouro dá nossa literatura.

Quanto ao valor histórico das *Saudades é* inestimável. Basta só dizer-se que, aparte inexactidões, de pormenor bas-

tante desculpáveis, esta obra constitui o pecúlio mais completo e valioso de informações sobre o arquipélago madeirense que até hoje tem sido dado à estampa. Analisadas por uma crítica mais especializada, tem ainda aspectos importantes que até agora não tem sido aproveitados. Assim a nossa paremiologia do século xvi, encontra naquela obra uma verdadeira mina; abundam as expressões proverbiais, reveladoras do espírito judicioso e culto do seu autor, que conciliava os místicos devaneios com as realidades da vida terrena.

Não padece dúvida que as Canárias, as *Fortunatae Insulae* dos antigos eram conhecidas de remota data, se bem que a hipótese mais provável formulada por um eminente sábio alemão, Kurt Müller e perfilhada por Fischer (1) atribua esta poética designação à Madeira e Porto Santo em primeira mão pelo menos, tendo-se posteriormente aplicado ao grupo das Canárias. As descrições dos autores antigos dão sempre margem a dúvidas e a conjecturas, pois, se nalguns pontos são concretas, em geral são imprecisas nos elementos que nos ministram, dando à imaginação e fantasia poética lugar primacial.

As fontes gregas e muito particularmente Plutarco refletem toda a terna fantasia desse povo imortal que criou a imperecível civilização helénica, a que Renan num transporte de irresistível admiração chama o *milagre da Grécia*. São na

(1) "Na fantasia dos poetas gregos desempenharam um grande papel,αι τωγ Ματαρων νησι, já talvez descobertas pelos fenícios. É possível que as noticias sobre as ilhas do oeste, provenientes de fontes fenício-púnicas, contribuíssem para a lenda da Atlântida. Por intermédio de marítimos gaditanos, teve Sertório notícias mais precisas a respeito das *Insulae Fort.*, 2 em numero, a 1000 estádios da costa da Líbia. (Plut. Sert. 8, Sol., frag. hist. i, 61). A encantadora descrição de Plutarco, refere-a Kurt Müller (Festschr. dês Geogr. Im. der Univ. Breslau, 1901) com verosimilhança á Madeira e Porto-Santo, apesar de a distancia se afastar da realidade. Posteriormente o nome teria passado para o grupo das Canárias,,. C. Th. Fischer, *Real Encyclopaedie der classischen Altertuinswisseiischuft* de Pauly-Wit-sowa-Kroll. T. vn, 1." parte.

Esta nota foi-nos obsequiosamente fornecida pelo nosso ilustre amigo e Mestre, o Sr. Prof. Dr. José Maria Rodrigues, da Universidade de Lisboa.

Vida de Seriátio ([1]*)* identificadas *com* os Campos Elísios, a mansão dos bemaventurados que Homero cantou.

A vida decorre aí numa tranquilidade serena, deliciosa, bastando os frutos da terra, que, fecundada por orvalhos benéficos em abundância, os produz sem o mínimo trabalho para os venturosos que as habitam.

Mais positiva é a informação que nos fornece Estrabão no livro 3º da sua *Geografia,* afirmando que anteriormente à idade homérica, os Fenícios, que possuíam a melhor parte da Líbia e da Ibéria, antes que o seu poderio fosse abatido pelos Romanos, as conheceram - μααρων τιναξ νησνξ (2). *E*

Richard Henry Major (1818-1891)

í[1]) Hoc in loco naulae quidam Sertorio obviam fiunt, tunc forte redeunles ex Atlauticis insulis, quas beatas vocant. Duae quidem hae sunt iuter se divisae mari, decem millibus stadionun a Libya distantes, íuibres illic rari, niediocresqiie venli autem plurium suaves, ac .roriferi, solum vero pingue, nec arari plantarive facile, sed etiam ex se absqne ullo humano stndio fructum producit, dulcem quidem, & otiosan multitudinem nutrire siuficientem.

Aër syncerus ac teniperalns, *e* mediocri mittatione per têmpora contenius. Nauí qui a terra perflanl venli, boreasqne & aquilo, propter longinquitatcni vasta & inania incidentes spatia fatigantur, & deficiunt pritis quain ad eas insulas pervenerint. Qui vero a mari perflant Argestae, & zephyrí, refrigerantes- raros quidern & temperalos imbres ex pélago afferuut, pluriuia vero per !iinnidit;itein aèris eu m smnniia Facilitate nutriunt, ut etiani apud Bárbaros inerebuerit fides, ibi lílysios esse campos, & bcatorum fio-, niicilia ab Homero deoanlala --' *Vltae uruccoruin Romaiioniinque lílustriuin, autore Plutarcho,* liasileae, Atino MDXXXI. Servimc-nos desta tra-- diiçâu latina do sec. xvi, por nau nos ter sido possível consultar o original grego.

R. H. Major na sua tradução-— *Tlic Gaiiarian or, Book of The Coni/iicsí and Ctini'ersw/1 of The Cituaria/is í n The Yt-ar í 402. By Messire Jean da Bftlieiicourt cain/iaseil by Piem' Bonth-r, and Jcan Lc Verrier,* julgando ainda que a narrativa de Plutarco se refere a duas das Ilhas Canárias, identifica-as com Lancerote e Fuerteventura. Pag. IV da introd.

(2) Estrabão, liv. 3.° pag. 202 da Ed. de Amsterdão, M.DCCVII, que é considerada das melhores que existem do célebre geógrafo grego. Dadas as dificuldades de composição tipográfica não podemos reproduzir integralmente esta fonte na lingua original e por isso apresentamos a tradução lileral latina:—"& ínsulae beatorum conmemoramtur, quae etiamnum apparent, novimusque eas non multum distantes ab extremis Manritaniae, Gadibus oppositis. Phoenicos porro harum ego rerun fuisse Índices dico, qui ante Homeri aetatem optima Aficae & llispaniac tenuerunt, & domini eortim fuere locorum, donec eoriiin a Romanis est abolitniu iaiperiuni».

Em Diodoro Sículo, (apud. tinciclopedia Universal Ilustrada Kuropco Americana, art.° *Centúrias)* há referências a uma ilha distante da Líbia muitas jornadas, a oesle, que foi descoberta por Fenícios partidos de Cadiz. Esta illia era notável por sua fertilidade e pela acidentacão de terreno. Pôde bem ser que se trate, nào de qualquer das Canárias, mas sim da Madeira.

em Plínio (1) — *Naturalis Historia,* liv.VI, cap. 37 (2), que resume as informações de Estácio Seboso, o qual cita os nomes de Junónia, Pluviália e Caprária pertencentes ao grupo das Hespéridas e das *Fortunatas* propriamente ditas, Convallis E Planaria, fornecendo esclarecimentos especialmente sobre as distâncias a que ficam as ilhas umas das outras e de Cadiz, e do rei da Mauritânia, Juba II, que fala das ilhas, Ombrios, Junónia, Caprária, Nivária e Cariaria, detendo-se já em pormenores interessantes sobre cada uma delas, aparece-nos claramente notícia do decantado arquipélago com uma exacçào que não vemos em nenhum outro autor antigo. No valioso estudo com que precede a sua edição e tradução da obra de Bontier e Le Verrier sobre a conquista das Canárias, Major identifica estas ilhas do texto pliniano.

In Ombrios we recognise the Pluviália of Sebosus, the words being synonymous. Convallis becomes Nivária, and Planaria is replaced by Canária, which name is still borne by the large central island, and has now been given to the whole Archipelago. There is no difficulty in fixing the island named Nivária, a name which clearly indicates the suowy peak of Teneriffe, almost constantly capped with clouds. In Ombrios or Pluvialia, with its pool in the midst of mountains, we recognise the island of Palma, with its famous Caldera or cauldron, the crater of an old volcans. The distance also of this island from Fuerteventura agrees with that of 250 miles indicated by Juba's navigators as existing between Ombrios and the Purpurariae. It hás been already seen that the latler agree with Lancerote and Fuerteventura in respect of their distance from the continent and from each other, as described by Plutarch. That the Purpurariae are not, as M. Bory de St. Vincent supposed, the Macieira group, is not only shown by the want of inhabitants in the latter, but by the orchil, which supplies the purple dye being derived frorn and soughit for specially from the Canaries and not the Madeira group, although it is to be

(') Achamos desnecessário transcrever a fonte, pois na identificação dos antigos nomes que Major faz, e que publicamos, acham-se quási integralmente traduzidos os lugares de Plínio, na parte em que ele se faz eco da descrição de Juba.

(2) Ibidem.

found there. Junomia (1) the nearest to Ombrios, wille begomera. It may be presumed that the temple found therein was, líke the island, dedicated to Juno. Capraria, which implies the island of goats, agrees correctly with the island of Ferro, which occurs next in the order of the itinerary, for these animals were found there in large numbers when the island was invaded by Jean de Bethencourt in 1402. But a yet more striking proof of tlie idcntity of this islaud with Capraria is the account of the great number of large lízards found therein. Bettencourt's chaplains, describing their visit to the island in 1402, state: — "There are lizard in it as big ascats, but they are harmless, although very hideous to look at.

Deve se salientar na narrativa de Plínio o facto de ser mencionada uma das ilhas pelo nome de Canária, que depois se generalizou a todo o grupo, "a multitudine canum ingentis magnitudinis, ex quibus perducti sunt lubae duo,,, hipótese etimológica talvez falível à qual se contrapõe a de Faidherbe, (2) por ventura mais plausível, de que tal designação longe de ser latina deve ser bérbere, de *Canar* ou *Ganar* atribuída outrora ao litoral do continente situado na vizinhança das ilhas.

(') Lenormant citado por Réclus pretende que esta designação é uma das provas de que os Cartaginêses aí se eslabeleceram diuturnamente, pois à Junónia romana, pelo processo da *interpretação* de que fala Tácito, corresponde a Tanith fenício-punica.

(2) Apud Eliseé Réclus— *Géographíc. Universelle;* vol. 12. e acrescenta qne os Oulof chamam ainda hoje *Ganar* à região que se estende ao norte do Senegal.

Viera *y* Clavyo autor das *Noticias de la Historia General de la Islãs de Canaria* 4 vols. Madrid 1772 a cujo respeito D: Pedro Salva e Mallen formula èste juizo encomiastico: - 'Viera *y* Clavijo fué uno de los restauradores de nuestro lenguage á fines del siglo passado, por cuya razon y por la imparcialidad, sana critica y abundância de noticias con que está escrita su obra, el amante de la pureza de nuestro idioma y el curioso investigador de Il historia de hespàna hallaran em su libro quando puedan apetecer,,, - Viera y Clavijo, recolhe as opiniões fantasistas sobre a etimologia da palavra *Canaría,* qne tinham curso ate o seu tempo e depois de pôr em relevo á designação de *Cannaíria* dada por Ptolemeu e outros geógrafos antigos ao Cabo Bojador fronteira ao qual fica a Grã-Canária, a uma distância de pouco mais de 30 léguas, é dominado pela autoridade do enciclopédico Plínio e perfilha a hipótese por este apresentada.

São arquitolas as etimologias propostas pelos autores mencionados em Viera y Clavijo, as quaes parecem-pautadas pelo senso etimológico de Platão revelado no *Cratilo.* Assim Nuñez de la Pena autor da *Descripcion*

Depois vem as brumas da Idade-média sepultar no mais completo esquecimento todas estas noções adquiridas pela civilização clássica e as *Insulae Fortunatae* foram, como muito bem diz Major (1), vagamente conhecidas dos Mouros da Espanha sob a designação de Ilhas de Khaledat, apenas através dos conhecimentos extraídos dos autores gregos e latinos. Só com a conquista empreendida por Jean de Bethencourt em princípios do século xv é que elas foram verdadeiramente reveladas à Europa.

Feito este rápido bosquejo sobre as fontes para a história das Canárias até a Idade-média e, antes de entrarmos no estudo do problema guanche mormente no seu aspecto linguístico tal como ele se põe no capítulo acima dado à estampa, do manuscrito, reuniremos as notas respigadas no inédito da Ajuda, no tocante a informações etnográficas e outras de importância para o nosso objectivo. Abstraímos por ora dos materiais para a história destas ilhas desde a Meia-Idade até à época de Gaspar Frutuoso, porque o reservamos (2) para trabalho especial de que já ao presente nos ocupamos.

Cap. IX em que a verdade respondendo a huma de duas perguntas, que lhe fez a Fama, tracta em geral do descobrimento das canárias, e de algumas cousas delias.

Quatrocentos e quarenta annos antes da vinda do salvador do mundo a elle, hum Hàno capitão carthageniense

de Ias Islãs Canárias publicada em 1676 inventa paru tal efeito nada menos que dois filhos de Noé, *Crana* e *Crano* sobreviventes do dilúvio, do tema de cujos nomes se derivou *Cremaria* que deu com o correr dos tempos *Canária!* António de Viana, autor dum poema sobre a conquista das Canárias, lembra-se do verbo *cano* sobre o qual se forma *canoro,* étimo que propõe, fundamentando-se na existência em tais ilhas, dos canários, pássaros afamados pelo sen canto. Calepino no seu Dic. faz derivar a palavra do lat. *canna,* baseando-se em que a ilha era abundantíssima em canas de açúcar, que afinal só foram introduzidas no século XIV ou XV. E o P.e Calmet seguido por Grocio, Laet e Harris engendra uma invencionice singular—que os Cunâneos, à entrada do exército vitorioso dos Hebreus na Síria, se dispersaram, tendo-se alguns estabelecido nas Canárias a que deram nome.

(1) Ob. cit., pág. VIII da Introd.

(2) Temos entre rnàos uma monografia sobre este aspecto do Ms., que destinamos ao Congresso Luso-Hispano para o Progresso das Sciências, que se realizará no Porto em Junho de 1920.

partio de Andaluzia com sua armada contra a costa d'Africa, e Guiné, & dizem que este foi o primeiro que neste caminho e jornada desçobrio as Ilhas bem afortunadas, q. agora chamamos Canárias, e alem dellas outras, que dizem dorcadas, Hesperias, e as Gorgonas, que se agora chamão do cabo verde, mas não ficarão suas porque não teve mais que de passada à vista dellas.

A gram Canária he a principal, os naturaes della se chamão canários por auer nella grandes cães (1), e desta tomarão o nome geral de canários os habitadores das outras, ainda que tenham também seus particulares nomes. Tenarife he outra Ilha destas maior de todas, está bem pouoada, e dá muito pam, e vinho, os naturaes della se chamão Ganches (2) por serem muito enrochadores, tem huma serra que alguns chainão o pico de Teide.

A Gomeira he boa Ilha, tem grande abundância de gado, e pão e vinho, e açúcar e muita urzella, estes se chamão gomeiros, como a Ilha Gomeira ([3]) de hum Rey chamado Gomeiro, ou Gomauro,,. E mais abaixo referindo-se a Forte-

(1) Secundo Clavijo, o historiador Francisco de Gomara pôs em dúvida *a existência* de cães nas Canárias, à data da conquista, mas o testemunho de Bontier e Lê Verrier e de Thomaz Nicols, que assegura que a comida dos antigos Canários era leite de cabra e carne de cães castrados, parece incontestável.

(2) Major em nota ao capítulo da obra de Bontier e Lê Verrier — *De lille qui suppelle lylle [Tvnerfiz] aucuns lappellent lille denfer:* — "Nuñez de Ia Peña tells us that the natives of Teneriffe called themselves "Guanchinet,,, which tlhe Spaniards corrupted into "Guanche,,. "Guan,, meant "person,,,'and "Chinet,, was the same as "Teneriffe,,; só the two words combined meant "a man of Teneriffe,,. Of all the Canarians, the 'Guanches of Teneriffe held out tlhe longest against their conquerors. It was not till 1496 that they lost (their independence, and were entirely subdued by the Spaniards,,.

Clavijo, depois de dizer que a palavra *Teyde*, nome do célebre pico da ilha deriva do ganche *Echeyde*, que significa *Inferno*, cita a opinião de Viana, segundo o qual Tenerife era composto de *Tener*, neve e *Yfe*, monte alto.

([3]) A este propósito Clavijo acentuando que os historiadores de João de Beítencourt assim a designavam e que o P.e Abreu Galindo tendo porfiado em saber qual a origem deste o não conseguira, faz-se eco das fantasias etimológicas de vários autores, e aventa a hipótese insustentável de que o nome proviria de algum *Gomez* que teria dado o nome à ilha. A palavra, no entanto, tem todo o aspecto de indígena.

ventura e Lançarote diz que "os moradores delas se chamão Maforeiros, não sei porq. razão,,.

Quando foram depois conquistadas estas Canárias (como tenho dito) pellos hespanhoes em tempo do catholico dom Fernando Rey.de Castella no anno de mil e quatrocentos e outenta & três, e teve P.° devera caualeiro natural de Xarez guerra muy rija com estes canários, que erão de muito esforço, os quaes ainda não tinhão armas, usauão de varas, que aguçauão com pedras muy agudas (as pedras se chamão fubonas (1), e são pretas a maneira de azeuiche) com as quaes, como com dardos passauão as adargas, e escudos, e também atirauão pedras com muito grande força porque erão todos muy valentes, e desenvoltos: mas por fim forão uencidos, e reduzidos á sogeição de Hespaña, e ao culto divino, que era o que mais lhe importaua. Antes disto não usavão de pão nem de vestidos, somente se cobriam com pelles de animais de cabras, de ovelhas que hauia na terra cortidas com casca de pinho cosidas com correias do próprio couro, e com souellas de osso, que agucauão com as mesmas pedras tubonas; os trajos feitos destas pelles, chamão tamarcos e ficaua o couro cortido dellas a maneira de baio. Comião raízes de heruas, leite, e carne de cabra, e fructas daruores, e alguns querem dizer que também comião a carne crua por não ter fogo, e agora assada, e cozida depois que o tiuerão, ou inuentarão fazer com dous paos hum chamado teinaste (2), que é rijo, e outro tabaiba (2) (de que se faz o uisgo) que he brando, roçando hum no outro. Comião gofio (3) de seuada torrada,

(1) Clavijo a pág. 176 do 1.° vol. da ob. cit., emprega a forma *tubonas,* "cuclhllos de pedernal,, que se usavam também nos embalsamamenlos; ó termo é citado, assim como *xaxos,* múmias e tamarcos, fatos em que eram envolvidos os mortos do distinção, por j. P. Sucquet— *De l'Emballemement chez lez Anciens et chez les Modernes et dês conervations pour l'Etude de l'Anatomie,* Paris, 1872.

(2) Palavras evidentemente canárias. Na Madeira há a palavra *tabaibo,* fruto muito apreciado do *tabaieiro,* que pertence à família das cactâceas, *Opnntia Tuna, MUI.* e *tabiiibas,* cactáceas de lindas flores cultivadas nos jardins do Funchal. A pág. 73 da obra de Ciavijo vem uma descrição da planta ou antes das plantas canarienses, que não são evidentemente as da Madeira— "La otra espécie de arbustos Mamados Tabáybas, todavia tienen mayor semejanza com Ia Férula, porqne su tronco es bastantemeníe descollado, de donde se propagan muchos gajos que se subdivididen y mnltiplican entre si maravilhosamente, sin otras hojas que unas muy pequenas y angostas que de seis en seis coronan sus puntas. Entre

casauão-se cõ muitas molheres; e primeiro que as conhecessem, as dauão a seus sñores por grande honra, e por outra razam, que da João de Barros. Tinhaõ casas de ramos, e couas onde morauão, Carecião de fogo, ferro, letras, e bestas de carrega para seu seruiço. Semeauão ceuada sem nada, e algum trigo laurando a terra com cornos de bois, bodes, e cabras, e colhião muito fructo. Ha nestas Ilhas huns pássaros, que chamam canários, que em Hespanha são de muitos estimados. Adorauão a hum só Ds. aleuantando as rnaõos ao ceo, porq. não tinhão Ídolos, e por esta razão foraõ bons de converter á nossa fee. Tinhão seus oratórios que cada dia rociauão com leite de cabras, a que chamauão animaes sanctos. Tinham também sua lingoagem barbara (1), cada Ilha a sua com que se entendiam, *e* de todos elles ficarão muito poucos, porque todas estas Ilhas estam pouoadas ia de gente de Hespanha, e doutra parte. Contarei sñora algumas cousas que particularmente pude saber de cada huma dellas dizendo primeiro o que se diz das uariedades de suas lingoagens.

Cap. XI de algumas cousas q. outros dizem das duas Ilhas Forteventura, e Lançarote.

Das sete Ilhas de Canária, que estão pouoadas, dizem alguns que a chamada Fonteuentura foi a primeira conquista, e tem este nome (2) por se achar nella huna escriptura em

Ias mismas *Tabaybas* hay diferencia, porque algunas apenas se levantan una vara del suelo, y otras descuellan hasta igualarse con Ia higueras mas frondosas. Sus bástagos ó canas, aunque no son huecas, sou de una sustancia fungosa tan extremamente ligera que no hay madera mas liviana. El color de su cascara es de un blanco pálido, y su jugo una leche glutinosa, blanca y abundante, sin que tenga Ia qualidad nociva del cardon; antes es tan dulce que despues de quajada y reducida à una pasta gelatinosa la suelen mascar los paisanos,, e em nota acrescenta: — "Hay dos espécies de Tabaybas, una llamada dulce y otra salvage, cuya leche es amarga, y de muy malas qualidades,,.

A palavra *gofio* existe como termo da culinária popular da Madeira e nomeadamente do Porto-Santo onde é muito apreciado esse caldo de farinha de cevada torrada, que os Guanches cozinhavam.

(1) ,Este final do capítulo IX estabelece o nexo lógico com o que o Autor diz no princípio do x.

(2) Clavijo filia a formação *Fuerteventura num . fortaleza* que havia na ilha e nas *aventuras* da conquista, mas acrescenta que Abreu Galindo assegura que viu alguns documentos públicos de meados do séc. XV pelos

pedra, que dizia ser pouoada por Forte ventura, e que a conquistou hum saiavedra criado dos Reys catholicos Dom fernando, e Dona Izabel.

Tem esta Ilha quarenta legoas em circuito, mas não he fructifera por ser pedregosa a maior parte della, tem quatro pouoações pequenas, a villa, e o linar, e curraleio, os moradores são criadores de gado meudo, e de camelos, e ia são liados com os hespanhoes, com que casam seus filhos, e filhas, os islenhos, e islenhas sam grandes de statura, quasi morenos, bem dispostos, e direitos, e ellas aluas, e fermosas, porque guardão bem o rosto do sol e do ar, sam leaes a portugueses, e a castelhanos, e inimigos de mouros de Berberia aonde uão fazer muitos saltos, e trazem muita preza delles, que uendcm para a Ilha da Madeira, cõ quem tem grande trato, e comercio por causa do ninho, e mel de canas, que lhes levam por ser perto. Comem mais gofio, que outro pam, são grandes comedores de carne de rez meuda, bebem leite de cabras, e de ouelhas por agoa, pello que são frescos, e gordos, ligeiros e fortes; e muito membrudos.

Dizem alguns que foi tomada essa Ilha dia de sam Phílippe e sanctiago, porque sua principal igreja he desses Apóstolos, antre os moradores della ha fidalgos dos perdomos, e sayavedras, e de outros appellidos.

A Ilha de Lançarote dizem ter este nome (1) por o Rei principal della ser assi chamado.

Os islenhos (2) destas duas Ilhas se chamào Mahoreros, ([3]) que em nossa lingoage quer dizer criadores de gados, porque este he seu officio. São tam misturados com os da

quaes parece que em tempo de Diego Garcia de Herrera e Dona Ines Peraza se chamou *Isla de As Buenaventura.*

([1]) O atitor das *Noticias de Ia Historia General,* tantas vezes citadas, depois de refutar o imbecil étimo — *lanza-rota* proposto por Nebrija, apresenta a hipótese de que, sendo *Lanzarote* palavra espanhola arcaica equivalenle ao Latim, *Sarcocolla,* "cierta espécie de resina, ò goma balsâmica,,, e tendo-se sempre creado na ilha a melhor casta de *Tubaybus* cujo suco gelatinoso é muito apreciado, o termo tenha origem castellana.

(2) A palavra *islenho,* que ocorre frequentemente nas pag. do Ms.é um castelhanismo de Frutuoso — Caslt *isleno.*

(3) Clavijo emprega a forma — *Maxoreras.* Atraz G. Frutuoso tinha dito que não sabia a razào de tal designação. Listas e outras discordâncias levam-nos a crer que o manuscrito pelo menos na parte relativa às Canárias era ainda um rascunho e nào obra definitiva.

Berberia, que ha muy poucos q. nào tenham alguma cousa de mouriscos, por razão de se darem de principio às entradas, e saltos contra os Alarues da Berberia, que a ellas está chegada, e uezinha, como he cabo branco, Teide, Sam Bartholomeu, o Rio do ouro, que chamão Arguim e outros lugares.

Ca p. XII de algumas cousas da Ilha chamada Gram canária.

Chamasse gram canária (como tenho dito) por razão dos grandes cães que acharão nella, e ainda hoje em dia ha alguns maiores que lobos, são brancos e malhados, e de tal presa, que sogigam a fortíssimos touros; e por curiosidade dos mestres se tornão tam domésticos, que leuão na boca sestos de carne dos açougues, e outras cousas, sem ninguém ousar de lhos tomar, por serem brabos contra quem não he seu dono.

Cap. Xlll de algumas cousas da Ilha chamada Tenerife.

Refere a propósito da conquista empreendida pelo "primeiro adiantado (que dizem ser Dom Luiz),, que os da Ilha peleiauão com grande animo com pedras, e lanças de tea (1) q. he hum pão de pinho do cerne do qual queimado se faz o breo, e estas lanças com as pontas feitas, e tostadas no fogo, sem mais outro ferro a maneira de azagayas.

Ha nesta Ilha de Tenerife humas arvores baixas como murteiras que chamão Lenhonoe, o pão das quaes he aromático, e cheira bem, do qual leuão para Hespanha para fazer delle cofres, e contas cheirosas.

Também ha outras arvores baixas, e rasteiras, que cha-

(1) São citadas por Clavijo outras armas — *"Tezezes:* Bastones de três varas de largo, que manejabam con singular destreza. *Magados:* Otros garrotes que usabam en Ia Grau Canária, con dos grandes bolas eu los extremos, armadas muchas veces de *Tabonas,* o pedernales afilados. *Mocas:* Varas endurecidas al fuego, y muy punti-aguda. B*anotes:* Otra especie de dardos, que temiam los G*uanches,* fabricados de Sabina, ó de Tea... *Anepa:* Una Lanza de Tea, que usaban las personas Reales, y que marchaba delante de ellas quando viajaban &c,,.

mão lenhos sanctos, ou lenha sancta, a qual verde, arde, *e* tem a cor como de *losna.* Ha também outras duas maneiras, *e* qualidades de arvores que chamão tabaibas, uma se chama tabaiba doce, que do leite della, que se leua para Hespanha, e para outras partes, se faz uisgo, o qual he aluo, como maçã de pam de trigo, e algumas pessoas trazem esta maça delle na boca, por dizerem ser boa para alimpar os dentes. A outra espécie de tabaiba tem o leite, que deita de si tam forte, que não ha duvida, caindo nos olhos, cegalos, pello que se guardão muito delle, e se o deitão na agua onde ha peixe logo fica amortecido, &, sobre aguado. Ha também humas hervas a maneira de arvores, q. do pé lanção muitas hastes sem folhas, humas que chamão cardões que são maiores, e outras cardonilhas mais pequenas; cuio sumo dambas he peçonhento, e muito mais posto ao sereno; e o cardomilho tem mais forte peçonha, que o cardão.

Ha nesta Ilha muitos corvos que fazem muito dano, assi nas sementeiras, quando as semeão, como quando começão a engraecer, e também nos gados meudos, quando nascem, por que tirão os olhos, e os matam, e comem pello que as mãys os cião muito delles, e guardão emquanto são pequenos. Ha também outras aues quasi tam grandes como patas brancas, e pretas chamadas guirres, que comem animaes que achão mortos. E ha bilhafres, e milhanos, ou milãos, que são como bilhafres, e gauiães & açores, e outras aues de rapina.

Nesta Ilha de Tenerife (que parece q. ardeo mais q. nenhuma outra Ilha) ha grandes, e altas rochas, e grotas (1) pella terra dentro do mar á serra, e principalmente mais da banda do sul, que do norte. E ficarão nestas rochas, e grotas grandes algares, ou couas á maneira de moradas em que os Ganches naturaes da terra morauão e ha coua antre ellas tam grande feita daquella rocha de pedra, que podem caber, e morar n'ellas duzentos e trezentos homes juntos. Estas estão mais baixas ao longo da terra chãa, e nos pinacu-

(1) "The Guanches were above all troglodytes that isto say, theydived in caves. There is no lack of large. well sheltered caves in the Canary Islands. The slopes of the mountains and the walls of their ravines are honeyonbed with them. The islanders may have their choice. The caves are almost never furthur excavated. They are used just as they are,,. — Verneau, *Cinq annes de sejour aux iles Canaries,* apud H. F. Osborn, *Men of the Old Stone Age,* London, 1918.

los mais altos ha muitas covas, e algares onde fazião suas sepulturas, as quaes ordenauão desta maneira. Quando falecião, morrendo algum principal delles, lhe tirauão o uentre (1) (como aos outros mais baixos faziam) embalsamandoos com manteiga de gado meudo (porq. não tinhão outro, nem hauia antre elles gado vacum) assi os curauão ao sol, e ao ar, e uestiam, e atauão com suas correas de couro em pelles curtidas á maneira de mortalha, e os mettião em aquellas couas altas daquellas grotas, e rochas como guardados, onde nenhuma cousa lhe chegasse. E ainda agora os que procedem delles se injurião e affrontão muito se lhe uão bolir com elles, e se algum travesso lhe vai deitar algum daquelles corpos mortos, e mirrhados pella rocha abaxo.

Parece que quando a gente que passou estas Ilhas das canárias, foi ter alli, nesta Ilha de tenerife sairão nove casaes, e desembarcarão e povoarão em diuersas partes desta mesma Ilha, e ensenhoreando cada hum o que pode, se vierão a chamar noue Reys nella. E nas outras Ilhas conforme ao numero dos casaes que em cada uma dellas desembarcarão assi foi o numero dos Reys, que entre si tinhão. Mas nestas Ilhas de Tenerife ouve mais Reys, que em nenhuma das outras.

Os islenhos se chamão Ganches q. em nossa lingoage quer dizer valentes, ou enrochadores, e assi o são os que ha ainda agora.

(') Clavijo *diz* que, depois de eximidas as entranhas ao cadáver, o lavavam com água fria e sal e logo o ungiam com hum unguento de manteiga, de cabra, hervas aromáticas, resina de tea, pedra pomes, eltc, e expunham-no ao sol, repetindo a operação durante 15 dias.

Sucquet, na obra já citada, entende que o embalsamamento dos Guanches era uma tradição das práticas do Egipto, e que houve, portanto, penetração-egípcia nas Canárias, sendo talvez resultante das relações que se estabeleceram por via de várias expedições egípcias, das quais a mais importante foi a que se realizou sob o faraó Necáo da 26." dinastia, de circumavegacão da África, partindo do Mar Vermelho. A fonte desta informação citada por Clavijo é o cap. 42 do liv. 4.° de Heródoto. Dos egípcios herdaram o embalsamamento como instituição nacional. — Bory de Saint-Vincent- tem para si que os Guanches empregavam na conservação dos cadáveres o látex de enforbica, provavelmente de alguma das *Tabaibas,* já mencionadas, por ter encontrado vestígios numa múmia.

Cap. XVI de Taçacorte até Miraflores.

Taçacorte q. nesta Ilha da Palma dizem ser o primeiro lugar que foi conquistado, tem este nome por duas razoes que pude saber da informação de alguns nobres, e antigos islenhos, huma pela disposição do sitio, que parece huma taça, e outra porque o Rey mais principal dos que hauia nella tinha nesta parte sua corte, e dizem, que era tam polido, e entendido q. no tempo que foi conquistada tinha paços e edifícios mui semelhantes aos de Hespanha somente feitos e traçados de seu saber, e bom engenho, o qual se chamou Taco, e tinha mãy, molher, e filhas de grande statura.

Cap. XIX. Como .foi achada e tomada a Ilha chamada Ferro e d'algumas cousas que há n'ella

Chamasse Ilha do ferro (1) por a chamar assim hum loão Marchim Biscainho q. foi o que dizem que a achou indo na uiagem das Indias: o qual uendo a costa ser de pedras, e rochas ferrugentas, q. não parecem senão ferro, disse esta he a Ilha do ferro, e não disse mal, pois a mostra da pedra bem o parece.

Refere-se depois a um "Rey Ossinisso que em sua lingoa quer dizer Rey que guarda justiça,,.

Cap. XX. Cotno foi descoberta e tomada a ilha chamada Gomeira e d'algumas cousas d'ella.

Referindo-se à conquista da ilha de Gomeira por Machim e Ayala diz a f. 50 v.— à Ilha chamarão Gomeira, por uerem aquelle ualle cheo de palmas altas com seus fructos, & dactiles, e muitos almasticos, e alguns dragoeiros, todos correndo goma de si; c outros lhe chamão Gomeira "por outra razão que adiante se dirá, mas não sei se acertão.

Conta depois que "Ayala levou islenhos do Ferro que se não entenderam com os de Gomeira,, e logo abaixo —

(1) "Tengo por cierlo que el nombre de la Islã dei *Hierro,* se origino del hierro metal. Los descubridores Franceses llamaron Ia Isla de Fer, y Ia llaman asi todavia,,. Clavijo, ob. cit.

Mais adiante do meo da Ilha tomando do Leste a Loeste (sic), & de sam Joseph a Sanctiago, que he do Norte ao Sueste tem hum valle chamado do gram Rey, o qual tinha hua filha chamada Aremoga que em lingoa islenha quer dizer Gomeira ou Gomeiroga, que lie o mesmo que molher sabia; poucas paginas adiante - Benchehiga, nome islenho que quer dizer terra fresca. Arure, casa del Rey. Chepude, terra de palmas.

Armigua q. era lugar de agoa, que em sua lingoa se chamava Angira, e os capitães lhe poserão nome Armigua; porq.[e] huma grande ribeira de boa agoa, onde agora estão os moinhos, que aqui uem de mais adiante hum grande espaço, toda se mette por huma cauerna da terra, que alli a naturesa criou, e náo se ue mais, por isso a chamarão Armigua, como quem diz manilha, ainda que para isso devera dizer armilha, pode ser que se corrompesse o uocabulo, ou por outra razão não sabida.

O problema das origens étnicas intimamente ligado ao das origens linguísticas dos Guanches, generalizando, como *é* uso, esta designação dos habitantes primitivos de Tenerife a todos os povos das Canárias à data da conquista, está envolto em densa obscuridade, embora já pareça ter-se chegado a algumas conclusões positivas. É assunto extremamente controvertido, pois há quem queira ver neles os representantes dos antiquíssimos atlanles *(1)*, que sobreviveram.

(l) Clavijo, que é um espírito eminentemente crítico, mas que, como homem do século 18, não ponde subtrair-se totalmente aos preconceitos do seu tempo, defende a origem atlântica dos Guanches e a sua unidade primitiva, baseando-se no idêntico estado de civilização primeva em que se achavam estes povos — "Que los antiguos Canários fuesen una Nacion Original, y de costumbres simples, semejantes á Ias de los Héroes y Patriarcas, es fácil convencerlo: Por que qualquiera que pase mentalmente los ojos por sus usos, ideas, cerimonias, y modos de pensar; que examine su obieruo y su Religion; que compare su tenor de vida con el de los primeros hombres, no hay duda tendrá la satisfaccion, y aun el placer de encontrar In Naturaleza en toda sn simplicidad y primem infância, Asi, quando sin atender á esta práctica de costumbres sencillas, tan general en todas Ias siete Islãs Canárias, se ha pretendido atribuir diferente origines á los Naturales de cada una; se cayó en un error grosero, nacido quiza de haber precipitado el juicio,,.

Modernamente a tese atlântica é defendida com calor entre outros por Simonin e por Berget recentíssimainente em artigo publicado o mes passado nas *Lectures pour Tous*.

à grande catástrofe geológica que subverteu a máxima parte da Atlântida, a darmos crédito à tradição egípcia recolhida por Platão nos dois diálogos— *Timeu e Crítias* como há também quem pretenda que a estractos, que constituíram o fundo étnico de tais populações de origem berbere se vieram sobrepor em época recente, camadas germânicas (1) fornecidas pela imigração de Vândalos e Godos.

Major no seu interessante estudo sobre o precioso livro de Bontier e Le Verrier dado pela primeira vez à estampa em 1630, resume nas suas linhas essenciais o que sob o ponto de vista etnológico se pode colher, neste particular, do testemunho explícito dos contemporâneos da conquista.

— "An ethnological examination of the inhabitants of the Canaries at the time of Bethencourt's conquest as based upon the descriptions of their persons and manners, the peculiarities of their languages and the characteristíes of the mummies which have been found, leaves little reason to dubet that the archipelago was peopled by two distincts races, viz., Berbers and Arabs, and that the, tribes of the latter; which were in the minority in the western islands, had mantained the superiority in numbers and gained political supremacy in the eastern. The chaplains describe the natives of Lancerote and Fuerteventura as tall. Those of Great Canary and of Palma seem to have been of midele stature. The peoples of Gomera and Ferro are described by Galindo as small, nehile the mummies of the Guanches of Teneriffe show that they did not much exceed the latter in height. The natives of Lancerote and Fuerteventura had very brown complexions, while inost of the inhabitants of Canary, Tenerife, Gomera, Palma, and Ferro were more or less fair, or even quite blonde,,.

São curiosas tanto as lendas como as informações fidedignas a que G. Frutuoso dá curso no cap. x das *Saudades,* entretecendo numa trama inextricável os dois problemas — o étnico e o linguístico. A correlacionarão de origens com "essa Berberia, que estaua ali tam perto,,, consoante o sentir de Antão Delgado, encontrou em Gonçalves Viana (2), o

t[1]) Von Löher baseando-se em pretensos argumentos linguísticos de que no interior da ilha de Tenerife os nomes de lugar ou sào berberes ou teutónicos, pretendia filiar os Guanches nos Germanos.

(2) Num importantíssimo estudo sobre os Guanches inserto nas "Palestras Filológicas,, deste autor.

ilustre filólogo já falecido, que tanto lustre deu à sciência portuguesa, um propugnador entusiasta e convito.

Frutuoso admite uma unidade originária no ponto de vista glótico da qual, por diferenciações sucessivas, através do tempo (1) e consoante os locais, produziu não só as línguas autónomas de cada ilha senão também as variantes dialectais a dentro do mesmo *habitat* geográfico. Também Clavijo contestando a asserção de Nuñez de la Pena de que cada ilha originariamente procedia dum povo que falava uma língua própria aventa a hipótese da comunidade inicial (2) e a este propósito fornece materiais de raro preço ([3]).

(1) A concepção dinâmica ou energética da linguagem, de que as línguas sào organismos vivos, sugeitos a uma evolução constante, que é hoje uma aquisição das mais brilhantes e fecundas para a sciência do Logos e que teve em Humboldt o seu pontífice, aparece já, se bem que formulada duma maneira empírica, em autores nossos do século xvi como G. Frutuoso e Fernào d'Oliveira, o nosso primeiro gramático na ordem cronológica, como se colige deste passo do Capitolo Seyxto da sua Grammatica de Lingoagem Portugueza - "Diz António de Nebrissa q. temos na Espanha somente as letras latinas: mas porq. e verdade q,.são tantas e taes as letras como as vozes: e não he muyto poys somos bem apartados em tempos e terras: e não somente isto: mas huma mesma nação e gente de hum tempo a outro muda as vozes e também as letras. Porq. doutra maneira pronunciauamos nossos antigos este verbo tanger: e doutra a pronunciamos nos: e os latinos não podem dizer que a mesma letra era c. quando tinhào sempre huma só força com todas as vogaes: como diz Quintiliano, etc.„.

(2) Ob. cit. — "Pêro á pesar del tiempo, á pesar de la falta de comunicacion, y á pesar dê nuestro mismo Chronista, yo reconozco sobrada afinidad entre los idiomas que habiaban los Canários, y se me figuran Dialectos de uma lengua matriz, aún sin academias para fixarla. El ayre de los términos, y el génio de las voces es semejante. La mayor parte de sus dicciones empezabam con *Te* ó con *Che, ó* con *Gua,* segun se puecle observar facilmente en los nombres de innches poblaciones, y campos que conservan los que lês pusieron los Naturales,,. E enl nota:—"En Canária está *Tatnarazayte, Telde, Tetioyu, Tetiieiiiguada, Terori, Tesen, Texeda, Tiraxaiia, Tunte, Guayudeque, Qtiayro, Guailaya.* Em Tenerife, *Tacoronte, Taqunana, Tamaymo, Taoro, Teglna, Tequcste, Teno, Tiqayqa, G i ia da mo xc te, Guaxaru, Guayonja, Qiiamaza, Cliiinaqiie, Chiiiteclic, Chlnama, Chirche.* En Ia Palma, *Taconde, Tasacorte, Tixarufe, Tedoe, Tigalate, Tihnya, Tenagiia.* En Lanzarote, *Teguise, Teseguite, Testeyim, Tinajo, Tagiclie, Tiinanfaya, Quénia, Guatisa, Giiestayade, Guime, Qiiagaro, Guatisea.* En Fucrteveiitura, *Tarajalejo, Tisciimanita, Titinege, Triquivijate, Tafia, Tctil, Tinduya, Chilequa.* En Ia Comera,- *Cliipude* &c. 8;c. &c. E transcreve em seguida muitos vocábulos comuns das línguas canária, guanche, palmense, de Fuerteventnra e Lançarote e de Ferro e Gomeira, com a significação em espanhol, ao todo]08 termos.

(3) Ibidem.

A ideia generalizada no século xvi de que a diferenciação linguística se fazia por um processo ingénuo e simplista, derivando-se duma colonização de indivíduos de línguas cortadas e que como no caso sujeito, como vemos no cap x, não convenceu muito especiosamente o nosso autor, aparece mencionada na feracíssima mina do livro de Bontier que é, por assim dizer, um diário da conquista empreendida por Bethencourt, no cap. LXVIII – De l'Isle Gomera (1),

Brinton, que se tem consagrado especialmente ao estudo do problema etrusco, (2) pretende ver neste povo os descendentes directos dos antigos líbios louros, que eram representados pelos Guanches e que são hoje reconhecidos nos modernos Berberes. Von Behr, von Luschan e mormente Verneau sustentam a origem europeia destes povos que seriam uma prolação da raça pre-histórica de Cro-Magnon.

Tal afirmação, que foi perfilhada por Osborn no livro já citado, *Men o f the Old Stone Age,* que mereceu de Roosevel um hiperbólico elogio, nào resiste à crítica profunda do ilustre antropólogo V. Giuffrida-Ruggeri que no seu estudo — *La Successione e la provenienza deite Razze europee preneolitiche,* chega à seguinte conclusão:

(1) L'Isle de Gomere est quatorze lieuës pardela, qui est très-forte Isle, en maniere d'vne trefle; & le pais bien-hault & asscz plain, mais lês baricanes y sot merveieusement grande & parfondes, et est le país habite de grandes peuples qui parle le plus etrange langage de tous lês autres país de pardeça que vng grand Prince pour aucun meffait lês fit la mettre en exil, et leur fit tailler leurs langues, et selon la maniére de leur parler on lê pourroit croire: le pays est garny de dagonniers et d'autresnulre bois assez, et de bestiait menu, et de moult d'autres choses estranges, qui seroient longues a raconter".

E numa anotação marginal impressa da l.ª edição que falta na ed. de Major vem o seguinte - "Lês relaliõs Angloises disent qne ce furent les Romains".

(2) O Sr. Elia Lattes, que tem estudado o problema no aspecto linguistico é partidário ardente do estreito parentesco do etrusco com o latim, tese que é contestada pelo maior filólogo francês contemporâneo, o nosso ilustre amigo Sr. Antoine Meillet. Quanto ao habitat primitivo dos etruscos parece ter certo fundamento a tradição narrada por Herodoto, liv 1º, cap. 94, qne lhes assina a Lídia por sua primeira pátria. A esta tradição alude o verso:

Gaudete vosque, o Lydiac lacus initlac»

do lindo carme de Catulo »

Paaee insularum, Sirmoio, insularunque

— "II mito dei Cro-Magnon alie Canarie nonostante l'appoggio tardivo dell'0sborn si risolve in una colónia di pastori neolitici — nulla di veramente paleolítico essendosi mai trovato —, abitante, come fanno tutti i pastori, ora in caverne ora in capanne piu o meno permanente. A questo fondo mediterrâneo vanno aggiunte lê immistioni de brachicefali bruni e di dolicocefali biondi,,.

Quanto à filiação linguística do guanche, Finck no seu importante livro—Die Sprachstãmme dês Erdkreises, tratando das línguas hamito-semíticas divide-as em dois grandes grupôs, berbérico e cuchítico dos quais o primeiro que considera sucessor do antigo líbico, se subdivide num grande número de dialectos, alguns regularmente conhecidos como o cabílico e o chílico e outros ainda pouco estudados como os que se falam nas margens do Senegal — senegalês, tarudantico, guartárico, rífico, etc. Lembrando que estas línguas se encontram, a dentro da unidade hamítica, num estado de formação quási embrionária em relação, por exemplo, ao antigo egípcio, inclui o "morto guanche,, no grupo destes dialectos berberiscos que se falam no domínio senegalense.

Tal é o estado actual deste interessante problema. Apenas visámos com estas rápidas notas fornecer alguns subsídios para a história da questão guanche e pôr em relevo a contribuição até hoje obliterada, que no século décimo sexto um autor português forneceu para o estudo de tema tão intrincado.

Reviver as figuras do passado, que "por seus feitos valorosos se vão da lei da morte libertando,, é para nós em quem se não "distendeu ainda a fibra patriótica,, servindo-nos da frase feliz dum grande historiador francês contemporâneo, o S.^{or} Bouché-Leclercq, e que cremos firmemente no futuro, é para nós— dizíamos — a mais aprazível das tarefas de que nos desempenhamos como quem cumpre um dever augusto.

URBANO CANUTO SOARES.

NOTA FINAL. --Devido a dificuldades insuperáveis de composição tipográfica não pudemos, como desejávamos, faze um transunto rigorosamente diplomático dos excertos e do capítulo inédito das *Saudades.*

Por não haver presentemente nesta tipografia os seguintes caracteres *e* e *u* com til, tivemos de fazer as convenientes substituições, que o leitor inteligente e culto relevará.